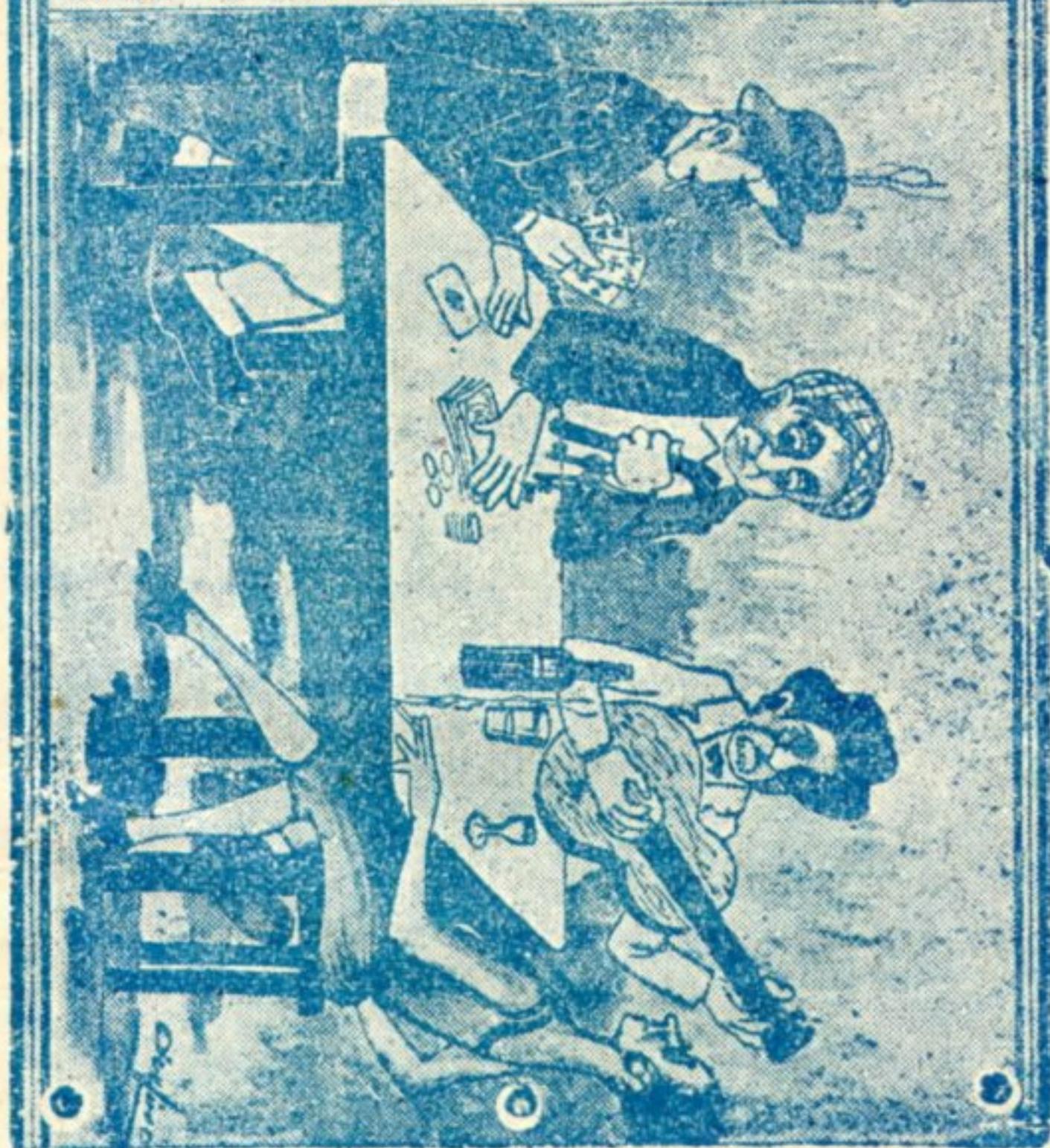


Proprietarias: Filhas de José Bernardo da Silva

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE
MEIA NOITE NO CABARÉT



João Martins de Athayde

Proprietarias Filhas de José Bernardo da Silva

Meia-Noite no Cabaré

Meia-noite!... repicou
no sino da catedral
um silêncio sepulcral
pela cidade passou
o momento já chegou
dos versos da solidão
a orgia, a corrupção
sob o véu da noite escura
espalha a negra tortura
repleta de maldição

Meia-noite!... que tristeza
reina por toda cidade
um soluço uma saudade
nessa hora de incerteza
dorme em paz a natureza
o bom, o justo, a criança
porem não dorme a vingança
o ódio, o crime fatal
o lobo, o corvo, o chacal
de velar nenhum se cansa

No cabaré da miséria
a vida reina sombria
o jogo, o vinho, a orgia
os horrores da matéria
uma noite assim funéria
eu saí a passear
e me fez admirar
um caso triste e funesto
que meu coração modesto
não cessa de condenar

No cabare, agrupados
palestravam 6 algôzes
chelos de gestos ferozes
todos 6 embriagados
o mocho pelos telhados
soltava o canto de dor
aquela noite de horror
de tristeza e solidão
oh! noite de maldição!
hora de negro pavor!

Ouvi um ébrio dizer:
a vida não vale nada
é uma triste jornada
que aqui viemos fazer
estou farto de sofrer
com a goela ressecada
uma cerveja gelada
o vinho ou a cana pura
é a única ventura
desta vida condenada

Repouso em qualquer lugar
até no leito da rua
aos raios frios da lua
sem mesmo me incomodar
vivo no mundo sem lar
sem conforto e sem carinho
como o pássaro sem ninho
a voar pela amplidão
só descanso e ceração
quando estou bebendo vinho

Meus filhos choram com fome
minha mãe lamenta a sorte
minha mulher pede a morte
o vinho é quem me consome
não tenho pátria nem nome
sou infeliz vagabundo
vive rolando no mundo
a cumprir meu triste fado
vivo assim embriagado
leproso, nojento, imundo

Eu sou de família nobre
tenho um irmão bacharel
o meu tio é coronel
porem vivo assim tão pobre
a tristeza é quem me cobre
neste tormento sem fim
todos se afastam de mim
acalmo as mágoas bebendo
pois pra quem vive sofrendo
o beber não é ruim

Nisso falou o ladrão
naquele antro infernal
tinha o aspecto do mal
aquela triste visão
oh! que negra confissão
daquela vil criatura!
o exemplo da tortura
tinha gravado no rosto
o mais íntimo desgosto
a mais cruel desventura!

Eu nasci entre a grandeza
meu pai foi milionário
meu destino temerário
roubou a minha riqueza
atirou-me na pobreza
passei dias sem comer
não suportando a sofrer
a dor da necessidade
joguei-me na crueldade
deste maldito viver

O roubo é o meu porvir
o meu futuro é roubar
é melhor do que andar
de porta em porta a pedir
o povo não quer ouvir
minha queixa magoada
de noite ou de madrugada
facilmente arranjo o pão
por isso é que sou ladrão
nesta vida amargurada

Há tanto ouro e fartura
e tanta necessidade
onde está a caridade
humanidade perjura
não vê a grande tortura
que tem o pobre na vida
numa luta tão renhida
pelo pão de cada dia
na mais profunda agonia
na mais tormentosa lida!

Entre numa catedral
roubei um grande tesouro
um colar e muito ouro
e julgo que não fiz mal
pra que santo quer metal
esse luxo, essa grandeza?
onde vagueia a pobreza
onde a miséria consome
onde o pobre morre à fome
olhando e vendo a riqueza!

Vi os meus filhos chorando
por um pedaço de pão
isto em meu coração
era um panhal traspassando
a mulher se lastimando
inda não tinha almoçado
então me vi obrigado
uma noite na cidade
por uma necessidade
ful arrembar um sobrado

Aquele negociante
enriqueceu de repente
enganando toda gente
estive lá neste instante
um rico avel de brilhante
vele na minha algibeira
três contos numa carteira
tudo isso lhe roubei
portanto hoje arranjei
diaheiro pra minha feira

Calou se aí o ladrão
de narrar o seu destino
começou o assassino
nesta mesma ocasião

- Vou contar com precisão
os crimes que tenho feito
sei que não tenho conceito
perante a sociedade
porem defendo a verdade
em prol do santo direito

Eu vivia desceasado
trabalhava noite e dia
tinha uma filha Maria
o meu aojo idolatrado
chegou lá um desgraçado
essa jovem seduziu
nas minhas barbas cuspiu
e dessoarcu o meu lar
eu jurei de me viagar
e a vingança se cumpriu

Ele era um capitão
homem de muito dinheiro
um «Don Juan» verdadeiro
sem honra, sem cotação
feriu o meu coração
pela tragédia moral
e eu cravei-lhe o punhal
mandei-o pra sepultura
começou minha tortura
desde essa hora fatal

Aquele rico infeliz
mandou matar meu irmão
fazendo sem punição
nos tribunais do país
a sua fortuna quis
que fosse cumprido assim
porem depois del-lhe fim
cumpriu-se o negro destino;
eis porque sou assassino
descendente de Caim

Foi a justiça somente
que ditou o meu destino
transformei-me em assassino
matado barbaramente
quando um homem consciente
vir reger o mundo inteiro
sendo reto e verdadeiro
a verdade se descerra
e a justiça da terra
deixará de ser dinheiro

(8)

Ê calou-se o assassino
terminando de falar
então se ouvi começar
o jogador bem ladino
alem tocava no sino
hora de triste saudade
reinava pela cidade
a mais ampla solidão
ao longe o latir dum cão
se ouvia com crueldade

Salo de casa bem cedo
pelos cafés vou jogar
e perco em vez de ganhar
minha vida é um enredo
os companheiros têm medo
da minha sabedoria
às vezes despona o dia
ainda fico jogando
quando não salo ganhando
sempre acabo em arrelia

Uma vez eu fui jogar
com minha mãe pra morrer
para lhe dar de comer
eu precisava ganhar
pediu me para comprar
um ramédio urgentemente
retirei-me de repente
depois encontrei um jogo
botei o cobre no fogo
voltei de noite somente

(9)

Quando fui abrindo a porta
oh! que hora amargurada!
vi minha mãe estirada
numa cama, estava morta!
por isso pouco me importa
de não trabalhar no mundo
quero viver vagabundo
sofrendo o rigor da sorte
até um dia que a morte
dê me seu golpe profuado

Eu fui senhor de riqueza
tive fazenda de gado
hoje vivo neste estado
na mais extrema pobreza
no bacará, na francesca
no jogo da loteria
perdi o que possuia
na maldita jogatina
vivo carpindo esta sina
pelo pão de cada dia

Uma noite o taberneiro
aqui mesmo na cidade
roubou-me sem piedade
o meu sagrado dinheiro
alem disso, esse banqueiro
negou me sem compaixão
a esmola dum tostão
voltei para casa a pé;
vejam bem o que jogo é
a mais negra perdição

Outro dia o delegado
proibiu a jogatina
porém ali na esquina
um banqueiro potentado
vende seu jogo parado
procurou com muito jeito
e obteve o direito
para jogar novamente
não sei porque se consente
exploração desse jeito

Eu sou jogador, mas digo
o jogo é um vício fatal
é o emblema do mal
abre a porta do perigo
transforma o rico em mendigo
forma o homem preguiçoso
é ele o mais perigoso
dos vícios da humanidade
degenera a mocidade
com um gesto duvidoso

Chegou a vez de falar
a prostituta coitada
pele mundo desvairada
sofrendo triste a penar
acabava de tocar
duas horas na matriz
quando essa pobre infeliz
começou a decorrer
e seu peccoso sofrer
da vida de meretriz

Quando eu tinha 15 anos
não conhecia o amor
era simples como a flor
zombava dos desenganos
mas os homens são tiranos
um roubou-me a virgindade
me deixou na crueldade
de viver prostituída
sem pão, sem lar, sem guarida
a vagar pela cidade

Sou como a escarradeira
onde todos vão cuspir
é profundo o meu carpir
minha sias é agoureira
eu sou uma aventureira
da dor e da perdição
entreguei meu coração
no lado da terra impura
sou a mais vil criatura
emblema da corrupção

Tenho os meus lábios manchados
de mil beijos que levei
no lugar por onde andei
deixei mil apaixonados
meus seios desvirginados
por um desejo brutal
todo mundo me quer mal
suporto este dissabor
terminarei minha dor
no quarto dum hospital

Aquele amante querido
que me tratava tão bem
hoje passa com desdem
e se faz desconhecido
eu sou um barco perdido
vagando contra a procela
já fui moça, já fui bela
já tive honra e poder
já fui caudida como a flor
e também já fui donzela!

Então disse o trovador:
eu sou amante da lua
passo a noite pela rua
na porta do meu amor
não sei que coisa é a dor
levo esta vida a cantar
todos gostam de escutar
micha funeria canção
ao som do meu violão
quem dorme tem de acordar

A vida é uma ilusão
pra que viver e lutar
se tudo vem terminar
no pó funerio do chão?
adoro o meu violão
o meu leal companheiro
vivo bem sem ter dinheiro
levo esta vida a sonhar
quero viver e gozar
sou feliz e prazenteiro

Um ricoço apaixonado
amava uma donzela
formosa, risonha e bela
porem era desprezado
viviu louco, coitado
num sofrimento sem fim
eu sendo tão pobre assim
cantei lá uma canção
ela deu-me o coração
apaixonou-se por mim

E' bom viver a cantar
as mágoas tristes da vida
quando a noite nos convida
para o silêncio gozar
ao longe as vagas do mar
vêm bater sobre o rochedo
a natureza em segredo
dorme em paz tranquilamente
a brisa passa dolente
balançando o arvoredos

A fera solta no monte
o seu horrivel gemido
o corvo vem escondido
matar a sede na fonte
o homem reclina a fronte
descansa as lutas do dia
tudo é paz e harmonia;
nessa horas divinais
por cima dos matagais
a lua passa sombria

O céu todo estrelado
na campina nasce a flor
tudo suspira do amor
nesse momento sagrado
o poeta enamorado
o ladrão, o assassino
o trovador peregrino
nos cafés, a prostituta
cada qual na sua luta
cumpre o seu triste destino

A ave prisioneira
nas grades dum galola
só em cantar se consola
sempre alegre e prazenteira
canta a sua vida inteira
recordando com saudade
o tempo da liberdade
a amplidão da floresta
quando cantava em festa
o belo cair da tarde

Nisso, longe ouviu-se o canto
do galo sobre o poleiro
era o dia prazenteiro
que desdobrava seu manto
a madrugada um encanto
o céu lindo cor de rosa
e a brisa vaporosa
soprava nos matagais
os viventes coqueirais
mostrava a copa frondosa

No cabaré a orgia
já havia terminado
tudo estava transformado
a noite triste fugia
no céu o sol ressurgia
espalhando a luz divina
na montanha e na campina
cheia de imensa beleza
despertando a natureza
nessa hora matutina

Eu fiquei admirado
pensando o que tinha ouvido
nesse lugar corrompido
pra quem é moralizado
em um canto embriagado
ressonava tristemente
o trovador imprudente
continuava a cantar
a prostituta a chorar
causava impressão a gente

O assassino e o ladrão
há tempo haviam saído
e jogador escondido
com um baralho na mão
oh! terrível profissão
desse povo viciado
que não vive acostumado
a trabalhar todo dia
sempre sofre a hipocrisia
deste mundo desgraçado!

(16)

O trabalho é o salvador
dos maiores sofrimentos
acalma nossos tormentos
suaviza a nossa dor
o homem trabalhador
sempre vive sossegado
com o lar abençoado
não passa necessidade
nem vive na crueldade
de andar desmoralizado

Esmague-se a crueldade
do vício destruidor
o negro abutre da dor
que faz a mendicância
surja entre a humanidade
o trabalho colossal
esmagando o nosso mal
distribuindo a grandeza
carbonizando a vileza
mãe da miséria fatal

F I M - Juazeiro, - 26.4--76-

503

Permutado e/Maxado

1295

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R N.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

RAIMUNDO OLIVEIRA

Mercado de Ferro Aparador, 26
Belem — Pará